

/ PALAVRA DO LEITOR

Viaduto da Conceição

As pichações tomaram conta dos prédios ao longo do Viaduto da Conceição em Porto Alegre, tornando-se parte da paisagem da região (Começo de Conversa, edição de 17/07/2026). É fácil resolver essa situação se determinarem multa de R\$ 500,00 para pichação e mais a limpeza. Se descartar lixo em lugar inadequado, R\$ 500,00 de multa; jogou papel de bala ou toco de cigarro no chão, R\$ 30,00; depredou árvores, praças e outros locais, R\$ 500,00 mais o reparo. Duvido que em pouco tempo não melhoraria. Neste País onde a educação não existe, só funcionará quando sentirem no bolso. (Luis Fernando Ruschel)



Viaduto da Conceição II

Fico surpreso com a falta de efetivo para a Guarda Municipal coibir esse tipo de atitude. Porto Alegre é a capital mais abandonada da Região Sul. (Vinicius Zan)

Viaduto da Conceição III

O que sobra para a avenida Mauá, com prédios de mais de dez andares totalmente pichados? É o portão de entrada de Porto Alegre e a impressão que dá é de decadência da cidade e dos poderes públicos. (Ivan Vigna)

Viaduto da Conceição IV

Sugiro que alguma empresa disponibilize tintas e materiais de pintura, enquanto o pessoal ligado ao grafite urbano poderia elaborar uma arte nas fachadas dos prédios voltados para aquela via. (Marcelo Peruffo)

Viaduto da Conceição V

Nessas superfícies poderia ser feita uma arte, tipo mega grafite de uma tropa de cavalos correndo ao pôr-do-sol gaúcho. Viria até gente de fora tirar “selfie”. Sugiro a campanha de substituir lixo de pichação por arte real em grafite de alto nível. (João Mauricio Hack)

Animais em shoppings

Após a liberação para animais circularem em shopping centers, não é raro relatos de frequentadores dos estabelecimentos comerciais que se deparam com urina nos corredores (JC, 20/07/2026). Na minha opinião, shopping não é lugar para cachorro. Entendo que alguns são acostumados a esse tipo de ambiente, mas isso não muda o fato de que é um espaço fechado, cheio de pessoas, barulho, cheiros e estímulos. Se o tutor decide levar o cachorro, então deveria ser obrigado a limpar a urina ou qualquer sujeira que ele fizer. É óbvio que, em algum momento, o animal vai precisar fazer as necessidades. Parece que, às vezes, tratam os cães como se fossem pessoas passeando no shopping. Acredito que lugar de cachorro é na grama, nos parques, nas praças, nas calçadas durante um passeio, e não dentro de um centro comercial. (Patrícia Orlandi)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

RS um novo Nordeste?

Antonio Augusto d’Avila

A narrativa corrente é de que as secas da Região Nordeste são fenômenos naturais. No entanto, frente à vastidão do território, por que ela teria sido habitada pelos povos originários por milênios? E qual a razão do deslocamento forçado de aproximadamente 5 mil índios do interior para o litoral em busca de alimentos em 1583 e de ter havido a extinção de várias tribos e invasões de fazendas por grupos famintos na década de 1720?

A história revela que o cultivo da cana-de-açúcar e a instalação de engenhos ganharam força a partir de 1530. Na década de 1580, com mais de 500 engenhos, o Brasil já era o maior exportador mundial de açúcar, centrado na Capitania de Pernambuco, a mais rica entre as demais. Porém, esses engenhos exigiam muita lenha como combustível, obtida integralmente na própria região, muitos escravos e animais de tração. A pecuária passou a competir com as lavouras de cana e as fronteiras agrícolas tiveram grande expansão.

Os primeiros relatos de secas localizadas datam da década de 1550, mas aquelas que se estenderam por partes significativas da Região só foram identificadas a partir da metade do século XVII. Entre outras, a Grande Seca, ocorrida entre 1877 e 1879, ceifou a vida de mais de 600 mil residentes na área e provocou o êxodo de cerca de 200 mil para outros Estados. Impressionante foi a

escalada das secas ao longo do tempo: 4 secas no século XVI, 6 no século XVII, 14 no século XVIII, 13 no século XIX e 18 no século XX.

Frente a tudo isso, quais as providências tomadas? Foram construídos mais de 3.000 açudes particulares na Paraíba e no Rio Grande do Norte até 1909. Depois, órgãos federais foram criados com essa missão e mais de 300 grandes açudes foram construídos. Ou seja, em sua ampla maioria, ações paliativas.

Aqui no Estado, as catástrofes climáticas se abatem cada vez com mais frequência e intensidade. O bioma Pampa é o mais devastado entre os demais biomas do Brasil. Como exemplo, a região de Bagé sofre com problemas hídricos, pelo menos, há 40 anos. No entanto, não temos um vigoroso projeto de conservação e regeneração das matas ciliares, essenciais para o efetivo enfrentamento tanto na questão das secas como das enchentes e, também, do assoreamento de nossos rios. E isso é um escândalo e uma irresponsabilidade para com as futuras gerações.

No Estado, as catástrofes climáticas se abatem cada vez com mais frequência

Economista

O papel do rádio no período eleitoral

Roberto Cervo Melão

Em períodos eleitorais, a informação assume um papel ainda mais importante na vida da sociedade. Com a circulação crescente de conteúdos e diferentes fontes de informação, garantir acesso a informações confiáveis é essencial para que os cidadãos possam acompanhar propostas, avaliar cenários e participar das decisões que impactam suas comunidades.

É nesse momento que a força do rádio se evidencia: pela capacidade de informar com proximidade, credibilidade e conexão com as comunidades. Presente em diferentes regiões do País, especialmente no interior, as emissoras levam informação acessível e conectada à realidade local, mantendo o rádio como referência para milhões de ouvintes.

Durante as eleições, essa proximidade ganha ainda mais relevância. As emissoras locais contribuem para ampliar o debate público, dando espaço a temas que fazem parte do cotidiano das comunidades e aproximando os eleitores de assuntos que impactam suas vidas, como saúde, educação, segurança, infraestrutura e desenvolvimento regional.

Ao traduzir temas muitas vezes complexos para a realidade de cada município, o rádio também contribui para que o eleitor compreenda de forma mais clara como as decisões políticas podem influenciar seu cotidiano e a vida da comunidade.

Ao mesmo tempo, o período eleitoral exige responsabilidade e atenção às regras que orientam a cobertura. O compromisso com a imparcialidade, a transparência e a qualidade da informação é fundamental para preservar a credibilidade construída pelo rádio ao longo de sua história.

Esse cuidado reforça uma das principais características do rádio, que é a confiança. Em um ambiente de rápida circulação de informações, contar com profissionais e veículos comprometidos com a apuração dos fatos é essencial. Ainda assim, as emissoras acompanham as transformações da comunicação, ampliando sua presença digital e combinando a tradição da transmissão sonora com novos formatos de interação.

Nas eleições, como em todos os momentos, o rádio mantém sua essência de informar, aproximar pessoas e fortalecer a participação da comunidade. Mesmo diante das transformações do cenário político e tecnológico, segue como um instrumento fundamental para a democracia, levando informação de qualidade a diferentes públicos e regiões.

Presidente do Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão do Rio Grande do Sul (SindiRádio)